

RELEITURA DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS COM BASE NA PRODUTIVIDADE LEXICAL

André VALENTE¹

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo: Este artigo faz uma releitura dos processos de formação de palavras a partir do uso de neologismos com o objetivo de enfatizar a dinamicidade linguística e contribuir para a renovação das aulas de Língua Portuguesa. Na fundamentação teórica, serão utilizadas importantes gramáticas tradicionais, obras de destaque na lexicologia e trabalhos voltados exclusivamente para a morfologia. O corpus foi constituído por neologismos da linguagem jornalística.

Palavras-chave: Descrição, Ensino, Morfologia, Neologismos.

PALAVRAS INICIAIS

A integração de estudos sobre léxico e discurso vem constituindo a base das minhas pesquisas na área neológica. Faço-as na condição de membro do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL e de integrante do CIAD (Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso), em corpora das linguagens literária e midiática. Aqui se dará destaque ao discurso da mídia impressa e o corpus será constituído de neologismos retirados de matérias jornalísticas. Convém recordar que o processo de renovação lexical, sempre presente na linguagem literária, alcançou, nas três últimas décadas, grande destaque na linguagem da mídia. Nesta se encontram, com alta frequência, vários neologismos vocabulares ou semânticos tanto nas publicações de maior prestígio como nos jornais ditos populares. Pretende-se, neste trabalho, estabelecer uma relação entre os estudos neológicos e o ensino dos processos de formação de palavras. Os avanços obtidos na abordagem das criações neológicas sempre nos levam a uma revisão do que propõem as gramáticas tradicionais para a descrição de tais processos. Costumam ignorar os neologismos e, às vezes, misturam os enfoques diacrônico e sincrônico nas exemplificações, como no caso de “embora”. Busca-se aqui uma releitura nos processos de formação a partir do uso de neologismos com o intuito de enfatizar a dinamicidade linguística e contribuir para a renovação das aulas de Língua Portuguesa. Na fundamentação teórica, serão utilizadas importantes gramáticas tradicionais, como as de Rocha Lima, Evanildo Bechara e Celso Cunha, e obras de destaque na lexicologia, como as de Ieda Maria Alves, Maria Aparecida Barbosa, Margarita Correia, Louis Guilbert, entre outras. Pretende-se, ainda, fazer um cotejo entre trabalhos exclusivamente voltados para a Morfologia – ou que sobre ela proponham reflexões – no que respeita à abordagem dos processos de formação de palavras. Dentre as obras com tais características, terão destaque nesta pesquisa “Morfologia Portuguesa”, de José Lemos Monteiro, “Manual de morfologia do Português”, de Maria Nazaré de Carvalho Laroca, “Morfologia Geral”, de Antônio Sandmann, “Morfologia”, de Claudio Cesar Henriques e “Iniciação aos estudos morfológicos – flexão e derivação em português”, de Carlos Alexandre Gonçalves. Não se pode deixar de registrar a importância das obras de Margarida Basílio, como “Teoria Lexical”, em todo esse percurso. O seu estudo constitui, até hoje, obra de referência para todos os pesquisadores e docentes da graduação e da pós-graduação. Já é possível apontar, de imediato, o maior embasamento linguístico dessas obras, na comparação com as gramáticas tradicionais, no que se refere ao tratamento dado não só aos elementos mórficos do vocábulo, mas também aos processos de formação de palavras. Diferentemente da tripartição – fonética, morfologia e

¹ Doutorado em Língua Portuguesa/UFRJ (1994); professor associado da UERJ, prof.acvalente@gmail.com

sintaxe – encontrada nas gramáticas tradicionais, as obras sobre morfologia puderam, devido à sua especificidade, propor releitura dos estudos anteriores e acrescentar novas reflexões a respeito dos fenômenos morfológicos. Surgiram, então, questionamentos no âmbito terminológico e exemplificação mais variada na constituição do corpus. Pôde-se constatar que a proposta de processos de formação de palavras, nas gramáticas tradicionais, não dava mais conta da dinamicidade linguística, da riqueza da língua em linguagens várias, da sua variedade na literatura e na mídia. Existe, atualmente, o reconhecimento de que o padrão médio de linguagem no Brasil encontra-se não nos textos literários ou científicos, mas sim nos chamados jornalões brasileiros e nas principais revistas semanais de informação. A renovação lexical em tais veículos evidencia a necessidade de se utilizarem novas abordagens na compreensão e na análise dos novos termos que surgem para atender a demandas socioculturais e político-econômicas. Os processos de formação de palavras aqui revistos, com base na língua em uso na linguagem midiática, constituem um bom exemplo da transformação ocorrida nos estudos morfológicos nas três últimas décadas e devem ser objeto de investigação dos analistas da linguagem na área morfológica com o intuito de trazer contribuições na descrição e no ensino da Língua Portuguesa.

Apresenta-se a seguir a revisão da literatura na área de morfologia, com destaque para quatro grandes obras.

1. MORFOLOGIA

(*Claudio Cezar Henriques*)

O autor dedica a *Parte III* (a última) do seu livro aos *Processos de Formação*. Lembra que a NGB faz referência apenas aos seguintes termos: derivação, composição e hibridismo. A seguir, destaca da seguinte forma os dois processos principais de formação de palavras em português:

radical 1 + radical = palavra 3 > composição

radical 1 + afixo = palavra 2 > derivação

Na composição, além da justaposição e da aglutinação, menciona a supercomposição: quando se reúne num único vocábulo formal um verdadeiro conglomerado de radicais.

Ex.: *Comigo-ninguém-pode* (nome de planta)

Quatro-salafrários-contra-uma-velhinha (texto em O Globo sobre o filme “Matadores de velhinha”)

Na derivação, destaca a prefixação, a sufixação e a parassíntese, com exaustivo estudo sobre o último processo.

Apresenta três processos especiais: a regressão, a abreviação (ou braquissemias) e a reduplicação (ou redobro).

Chama de pseudoprocesso a conversão ou derivação imprópria, que considera fenômeno de estilística morfossintática.

Encerra o estudo com outros casos: siglas e abreviaturas; neologismos; combinação de processos (unidades complexas); cruzamento morfológico e fracionamento vocabular.

Releitura dos processos de formação de palavras com base na produtividade lexical

2. MORFOLOGIA PORTUGUESA

(José Lemos Monteiro)

O autor não faz um estudo em separado com o título “*Processos de formação de palavras*”. Trata da *Derivação Nominal*, da *Derivação Verbal*, de *Regras de Derivação* e faz um inventário de sufixos. Aborda a composição e a recomposição. Merece destaque a inusitada abordagem de J. L. Monteiro sobre aglutinação e justaposição. Julga um equívoco tomá-las como aspectos peculiares ou propriedades da composição. Considera-as processos fonológicos, não morfológicos. Elas estão presentes tanto na composição como na derivação.

Ex.: *cento + aro = centaro* (derivação por aglutinação)

alegre + mente = alegrement (derivação por justaposição)

água + ardente = aguardente (composição por aglutinação)

beija + flor = beija-flor (composição por justaposição)

Monteiro ainda apresenta a braquissemia e a acrossemia. A primeira é o emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro (*moto; pôlio*) e a segunda consiste na combinação de sílabas ou fonemas extraídos dos elementos de um nome composto ou de uma expressão (*elepé; MOBRAL*).

Apresenta, ainda, os casos de fonosemia também chamada de ecoísmo e ideofonia (*mian; toc-toc*) e de duplicação, também chamada de redobro, redobramento, reduplicação (*reco-reco; titio*).

3. MANUAL DE MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS

(Maria Nazaré de Carvalho Laroca)

A autora apresenta quatro processos morfossintáticos: a derivação, a composição, a redução e a reduplicação. Considera mais produtivos os dois primeiros. Destaca três tipos de derivação:

- a) Prefixal > prefixo + palavra-base
- b) Sufixal > palavra-base + sufixo
- c) Parassintética > prefixo + palavra-base + sufixo

Destaca a presença de neoprefixos (*macro; mega; pseudo*), de pseudoprefixos (*tele; auto; foto*) e de neo-sufixos (*dromo; logia; ete*, este a partir de “chacrete”)

Divide a composição em vocabular e sintagmática. A primeira corresponde à junção de duas ou mais palavras e pode ser feita por justaposição (*jogo-treino; quebra-mola*), por aglutinação (*planalto; Mariângela*) e por truncção, também chamada *blend* ou *palavra-pormanteau* (*showmício; cantriz*).

A composição sintagmática é apresentada com base no de Ieda M. Alves e de Maria T. C. Biderman. Esta chamou de lexias complexas os sintagmas lexicalizados, como “*produção independente*”, “*cesta básica*” e “*crimes de colarinho branco*”.

André Valente

Maria de Nazaré de C. Laroca afirma que a redução abrange a derivação regressiva, a abreviação vocabular e a acronímia.

Conclui seu estudo destacando que o processo de reduplicação, ou duplicação silábica, é chamado de onomatopeia por Celso Cunha.

4. TEORIA LEXICAL

(Margarida Basílio)

Na sua obra de 1987, ainda atualíssima, a autora dedica três partes ao tema: *Processos gerais de formação, Outros processos de formação, Formação de palavras na língua escrita e na língua falada*.

Na primeira, aborda a derivação e a composição. Destaca que “o processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra” (p. 26). Observa que, em geral, a base é uma forma livre (*livro + eiro; re + ler*), mas também reconhece casos de derivação a partir de bases presas (*psicolo + ico*).

O processo de composição se caracteriza segundo Basílio, pela junção de uma base a outra para a formação de uma palavra (*guarda + chuva; agri+cultura*), com a utilização de forma livre (*chuva*) ou presa (*agri*).

Ao trabalhar com funções sintático-semânticas e a noção de estrutura para distinguir derivação de composição, a autora o faz com extrema clareza. Enquanto a derivação envolve um afixo, que é um elemento estável, com função sintática ou semântica predeterminada, o que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura “de tal maneira que, das bases que se junta para formar uma palavra, cada uma tem seu papel definido pela estrutura” (p.29).

Nos outros processos de formação, Margarida Basílio estuda as seguintes derivações: regressiva, imprópria e parassintética. Estabelece significativa distinção entre derivação regressiva e abreviação, com uma perspicaz observação não encontrada nas gramáticas. Na redução ou abreviação, a palavra formada é “sinônima da derivante, apenas sendo usada, as mais das vezes, num estilo mais coloquial (boteco, granfa, delega)” (p.37).

Na derivação parassintética, explora as formações com o sufixo *-ado*, como em “*desalmado*”, para destacar-lhes o fator semântico.

Releitura dos processos de formação de palavras com base na produtividade lexical

5. ANÁLISE DO CORPUS

Composição por justaposição



Figura 1. O Globo, 12/5/2013.

A criação neológica surpreende não só pela inusitada combinação de signos de campos semânticos tão distintos (economia e religião), mas também pelo destaque dado por toda sua carga simbólica, ao significante gráfico do segundo elemento do composto por justaposição.

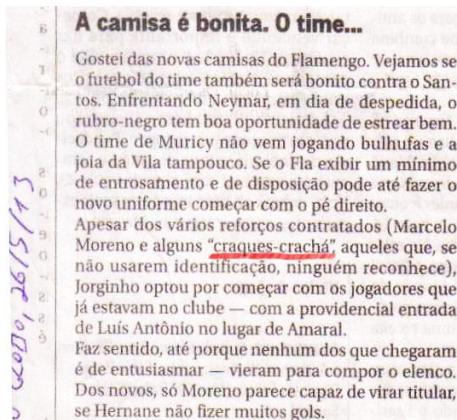


Figura 2. O Globo, 26/5/2013.

A novidade linguística do substantivo composto decorre não do emprego de um novo significante, mas sim da justaposição de um segundo elemento que acrescenta valor irônico a toda a composição. Cabe observar que a pluralização só ocorre no primeiro elemento, em consonância com a regra preconizada pelas gramáticas normativas: varia apenas o segundo termo do composto de dois substantivos em que há preposição clara ou oculta. No caso, são craques com crachá uma vez que os jogadores são desconhecidos e precisam de uma identificação.

André Valente



Figura 3. O Globo, 5/7/2013.

Verifica-se um jogo intertextual nas três criações neológicas em sequência no texto: Maria-prefácio, Maria-Nanquim e Maria-quarta-capa. A intertextualidade se faz presente na identificação imediata com expressões anteriormente empregadas: Maria-gasolina e Maria-chuteira. A neologia intertextual, ainda pouco explorada nos estudos lexicológicos, está diretamente relacionada ao processo de criação de palavras por analogia. A partir de um termo primeiro (Valente, 2012, p.39), como *sambódromo*, criaram-se vários neologismos: *cheiródromo*, *macumbódromo*, *barbeiródromo* (lugar para exame de motoristas).

Nos três neologismos com o nome próprio “Maria” utilizados na FLIP, percebe-se, na notícia, um valor crítico-irônico também presente nas criações que lhes servem de referência. Nota-se que, além da intertextualidade, está presente a interdiscursividade no que respeita a um comportamento interesseiro por parte de algumas mulheres retratadas nessas criações neológicas.

Composição por aglutinação

Segunda-feira 3.6.2013
EDUCAÇÃO

Agroecologia planta boas ideias e colhe equilíbrio

Fazenda na Rural tem mais de 50 culturas, envolve cerca de 100 estudantes e abastece o restaurante local. Na PUC, uma feira orgânica vende produtos comprados na internet

Figura 4. O Globo, 3/6/2013.

O novo termo apresenta como 1º elemento o radical *-agr*, que não tem curso independente na língua. Segundo Bechara, na aglutinação, a adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies, sendo a última “o elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr*, corresponde, em palavra isolada, *campo*)” (p.340). Destaca-se, na manchete da notícia, toda uma figuração de sentido a partir do emprego do neologismo como sujeito do verbo *plantar*. Ressalte-se, ainda, que o mesmo radical vem sendo empregado em termos como *agronegócio*, de relativa frequência na linguagem midiática.

Releitura dos processos de formação de palavras com base na produtividade lexical

Telemedicina é o tema dos Encontros O GLOBO Saúde e Bem-Estar

Evento terá exibição da técnica que une medicina e telecomunicações

O impacto social provocado pela evolução das telecomunicações, particularmente da internet, consagrou de vez o casamento entre medicina e a comunicação à distância, cujo efeito é a telemedicina. Com objetivo levar à intervenção médica onde ela não pode estar, as tecnologias de ponta que integram a especialidade, nascida no auge da Guerra Fria, têm hoje muito mais utilidade que cuidar de astronautas. No próximo Encontros O GLOBO Saúde e Bem-Estar, a telemedicina será tema de palestras que vão mostrar como, por exemplo, um robô comandado remotamente por um especialista pode checar sinais vitais de pacientes e percorrer corredores do hospital, no papel de uma espécie de avatar médico.

O evento será realizado no próximo dia 15, quarta-feira, às 17h, na Casa do Saber O GLOBO, na Lagoa, e contará com as palestras do cardiologista Marcos de Souza e Evandro Tinoco. De uma instalação chamada de sala híbrida, no Hospital Pró-Cardíaco, o cardiologista Eduardo Saad fará uma exibição de um procedimento de telemedicina para a plateia. Mais longe ainda estará Antônio Marttos Jr, diretor de telemedicina de Trauma do Hospital da Universidade de Miami, que fará outra apresentação desde a cidade americana. A medição será da jornalista Ana Luiza Azevedo, editora de Ciência e Saúde do jornal O GLOBO, e a coordenação, do cardiologista Cláudio Domênico, da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

— A médio e a longo prazo, com o batateamento da tecnologia, a telemedicina no Brasil se fará ainda mais presente, facilitando mais segurança para pacientes, sobretudo de regiões mais afastadas. Para os médicos, haver-

Serviço

Palestrantes

Os cardiologistas Marcos de Souza, Evandro Tinoco e Eduardo Saad, o cirurgião especialista em telemedicina do trauma Antônio Marttos Jr., e o coordenador dos Encontros O GLOBO Saúde e Bem-Estar, Cláudio Domênico

Data e horário

Dia 15, quarta-feira, às 17h

Endereço

Casa do Saber O GLOBO, na Av. Epitácio Pessoa 1.164, Lagoa

Como se inscrever

Pelo telefone 2227-2237,

das 11h às 20h. As vagas

são limitadas

rá a chance de decisões mais acertadas, com o compartilhamento de informações — prevê Domênico.

DIAGNÓSTICO À DISTÂNCIA

Nas Olímpíadas de Londres, a ginasta Laís Souza teve uma fratura na mão dias antes de sua estreia nos Jogos. A equipe médica do time brasileiro, por meio da telemedicina, discutiu o diagnóstico com um especialista em lesões de mão da Universidade de Miami, o que resultou, infelizmente, no corte da atleta.

Fora o mundo dos superatletas, se um paciente com sintomas de derrame cerebral chega a uma emergência sem um neurologista de plantão, o acesso virtual a um especialista pode significar a indicação do tratamento certo dentro das quatro horas críticas para evitar sequelas permanentes.

— Nos EUA, a telemedicina já é uma grande realidade. Imagino que, com a evolução tecnológica, será possível ter

um apoio especializado inclusive para operar um paciente, por exemplo, r interior do Amazonas, em regiões onde há menos médicos — explica o cardiologista Eduardo Saad, da Sociedade Brasileira de Arritmias Cardíacas.

Já Marcos de Souza explica o que oferece a telemedicina de uma simples conferência entre internautas em baixa larga:

— Por meio de um robô, é possível circular dentro de um hospital, visitar pacientes e ter acesso a exames com se o médico estivesse ali presente, mais que um Skype, pois o robô oferece um ambiente de transmissão de dados mais seguro e estável, pois estamos transmitindo de informações médicas.

Para o futuro, Tinoco estima uma medicina cada vez mais integrada:

— A tendência é que a telemedicina evolua a ponto de ser possível, progressivamente, conectar qualquer cent de medicina no mundo, o que ajuda médico na tomada de decisão clínica.

Figura 5. O Globo, 12/5/2013.

O reconhecimento de *-tele*, com significado de “distância”, ora como radical ora como prefixo permite-nos enquadrar o novo termo na composição por aglutinação ou na derivação sufixal. No primeiro caso, se aceitarmos que, com tal significado, não tem curso independente na língua. Há visões distintas dos autores sobre a classificação de *-tele* e, às vezes, na mesma obra, recebe nomes diferentes. Bechara assim o apresenta:

- radical grego (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado (p. 369); prefixo grego (longe): telégrafo, telefone, telescópio (p. 380).

No contexto jornalístico, importa ressaltar a forte presença das telecomunicações, particularmente da internet, em área tão tradicional como a medicina. É bom lembrar que novos significados pedem novos significantes, o que se vem constatando cada vez mais no campo científico.

André Valente



Figura 6. Francisco Bosco, O Globo, 22/5/2013.

Francisco Bosco, ao criar *filocanção*, recorre a um paralelo com “filósofo” (amigo do saber). No desenvolvimento do texto, utiliza a metalinguagem para ampliar o significado do radical *-filo* com a seguinte passagem:

“Assim, Wisnik inventou, em seus shows, uma espécie de filocanção: a canção e seu duplo, o real e a realidade, os afetos e a ironia, a música e a metamúsica, o show e a aula. Não há ninguém mais que faça isso, é *sui generis*.¹”

O autor empregou o neologismo para destacar a competência artística de José Miguel Wisnik, professor universitário, escritor e compositor, que costuma realizar aulas-show com a combinação de música e poesia. O radical *-filo*, com o significado supracitado, também não tem curso independente na língua. Em verdade, tanto em “telemedicina” como em “filocanção”, os radicais estão justapostos (lado a lado), mas o 1º elemento de cada composto não aparece isoladamente.

Derivação prefixal

- (a) “Sem Maracanã, à espera de avaliação depois da Copa das Confederações, e sem Engenhão, fechado para obras até novembro de 2014, torcedor carioca retoma condição de sem-estádio” (O GLOBO, 02 jul. 2013).

A partir de *sem-terra*, surgiram várias criações neológicas por analogia a esse termo: *sem-teto*, *sem-universidade*, *sem-emprego*, termos já usados na linguagem midiática. Constatase a alta produtividade no uso do elemento *sem*, visto com valor prefixal por Nelly de Carvalho (2000). Fora os prefixos essenciais, há, segundo a autora, emprego de preposições ou advérbios “que podem assumir este papel como não, em ‘não-agressão’ [sic] e sem, muito produtiva atualmente

Releitura dos processos de formação de palavras com base na produtividade lexical

em ‘sem-terra’, ‘sem-teto’ etc.”. Pelo novo acordo ortográfico, as expressões com *sem* vêm com hífen; já com *não*, sem hífen: *não linear*, *não alinhamento* etc.

Gonçalves (2012: 159) destaca que o caso de *sem* que,

em construções morfológicas, é monossêmico, significando, apenas, “desprovido de”, a exemplo de ‘sem-teto’ (“aquele que não possui moradia”) e “sem-voz” (“aquele que não tem direito a fala, por exemplo, em reuniões”) ao contrário da preposição ‘sem’, que também pode indicar concessão (“sem você eu não vou”).

O neologismo *sem-estádio* retrata, criticamente, um momento particularmente difícil para os torcedores cariocas: a falta de grandes estádios para a realização dos jogos de futebol. Confirma-se a alta produtividade da preposição *sem* com valor prefixal e pode-se perceber, na mesma notícia, o contraste com o emprego de *sem* apenas como preposição nas passagens “sem Maracanã” e “sem Engenhão”.

Derivação sufixal

de barbaridade — e ninguém ainda teve que dar muitas explicações. No caso, a simpática irresolução portuguesa desserve a História. Pois, se o touro continua vivo, o que há para expiar? Aqui, até agora, venceu o deixa-pra-lá-ismo.
 Já que temos que ser ibéricos, o que é melhor, ser português ou espanhol? Os espanhóis parecem viver mais perto do coração selvagem da vida. Os portugueses preferem menos drama e menos sangue. Voltando ao touro: uma tourada espanhola sempre acaba com o animal morto, com uma resolução. Uma tourada portuguesa pode ser um espetáculo emocionante, mas o touro sobrevive e nada se resolve. E ainda se discute se convém irritar o touro. ●

Figura 7. Luís Fernando Veríssimo, O Globo, 2/6/2013.

Luís Fernando Veríssimo retoma neologismo por ele criado para dar título a uma crônica escrita para o Jornal do Brasil em 1999. Ao analisá-lo, afirmei:

O neologismo que dá título ao texto é, como convém aos bons títulos, a síntese do próprio texto. Veríssimo o constrói a partir da expressão “deixa-pra-lá”, tão característica de nosso modo de ser. A ela, o autor acrescenta o sufixo “-ismo”, utilizado normalmente com o valor de “crença”, “doutrina”, “religião”, envârias palavras (socialismo, capitalismo, budismo etc.)

Veríssimo empresta uma significação especial, ao utilizar tal sufixo, à expressão “deixa-pra-lá”. Com o sufixo, ela ganha peso de verdadeira “doutrina” ou “religião”. A nova significação enfatiza nosso modo de ser, nossa acomodação, nosso “empurrar-com-a-barriga”, no trato com as questões sociopolíticas vitais para o Brasil.

André Valente

A inventividade de Luis Fernando Veríssimo explora uma expressão marcante de nosso cotidiano. Ele a utiliza, sem o sufixo, no primeiro parágrafo (“um deixa-pra-lá inventivo”). O sufixo é adjungido no título, no início do texto, e, coesivamente, em outras passagens para realçar nossa “autoindulgência congênita”. (p. 55)

Constata-se, infelizmente, que 14 anos depois, o deixa-pra-lá-ismo continua fortemente presente na vida brasileira.

- (b) *Sei que o clamor urgente, heterogêneo, sem plano claro, fortemente apartidário, canalizando insatisfações de todo tipo, inclusive as conflitantes entre si, não garante nada, pode consumir-se nas suas contradições, no fogo de palha de um consumismo de protesto, no voluntarismo sem mediações, no tudismo já, na fantasia de onipoténcia e num estado pré-político que acaba vencido pelas eternas raposas. (O GLOBO, 21 jun. 2013).*

O sufixo *-ismo* de largo emprego na criação de termos que expressam doutrina, crença, religião (capitalismo, comunismo, budismo, catolicismo etc.) tem emprego muito especial no termo cunhado por Wisnik. Chama atenção, inicialmente, pela adjunção a um pronome indefinido, combinação bastante incomum na nossa língua. Merecem destaque, ainda, os seus valores textual e discursivo. No primeiro caso, o autor o emprega numa sequência em que o sufixo aparece três vezes seguidas, estabelecendo uma espécie de graduação: “no fogo de palha de um consumismo de protesto, num voluntarismo sem mediações, no tudismo já...”

Wisnik revela sua preocupação com uma certa onipotência que brotou das grandes manifestações de rua em junho de 2013, não obstante reconhecer a importância delas para a construção de um novo momento político para o país.

Releitura dos processos de formação de palavras com base na produtividade lexical

'SARAMANDAIA' VOLTA CHEIA DE FRESCOR

Texto criativo e cheio de referências e boas atuações marcam noite de estreia do 'remake'

TV

Critica

'Saramandaia'

TV Globo

Cotação: Ótimo

PATRÍCIA KOGUT

kogut@oglobo.com.br

Um golpe de sorte fez com que a estreia de "Saramandaia" — antecipem no Globo, às 23h — acontecesse simultaneamente às manifestações que ocupam as ruas do país inteiro. O primeiro capítulo da novela tratou justamente da cisão da cidade da ficção. Saramandistas e bole-boleenses se dividiram e o debate político ocupou a trama integralmente. Com essa coincidência, a história de Dias Gomes escrita por Ricardo Linhares foi automaticamente ressignificada. O caráter protestatório da primeira versão (de 1976), cujas metáforas miravam no governo militar, se impôs novamente. As alegorias estão de volta nessa Macacão brasileira onde vivem um homem que expelle formigas

pelo nariz (José Mayer), uma gorda devoradora (Vera Holtz), um rapaz com asas (Sérgio Guizé) e outros tipos estranhos.

Linhares operou a manobra certa assumindo 100% o *remake*. Ele fez isso mergulhando no realismo fantástico (gênero que tinha muito mais força nos anos 1960/70 do que hoje). E também buscando no fundo do baú de televisão as referências para esta produção de 2013. Assim, ouvimos falar em Sucupira ("O Bem Amado"), Greenville ("A Indomada") e Porto dos Milagres (da história de 2001 escrita pelo próprio Linhares com Aguiinaldo Silva e Glória Barreto). Da política brasileira vieram os caras-pintadas, "aquele roxo" de Collor, o "imexível" do ministro Magri, os aloprados e o "golpe das elites que querem me apagar do poder". Uma menção a um plebiscito fez parte da noite. Houve ainda uma referência a Emile Zola e à injustiça que pode existir por trás de um "Eu te acuso!". Até a cantoria de quebrar cristais de Dona Redonda fez lembrar a Mme. Castafiore das histórias de Tintin. Porém, mesmo preso a tantas citações, Linhares conseguiu construir um vocabulário próprio. É um feito, dada a lembrança forte da novela original na memória de tanta gente. Tudo isso serve para reforçar a ideia — defendida pelo autor — de que *remakes* podem ter fres-

cor e atualidade.

O "saramandês" também ganhou com a decisão de passar longe daqueles sotaques nordestinos que marcaram tantas novelas da Globo como as citadas anteriormente. O vocabulário original de "Saramandaia" não se limita ao que é falado. Ele se manifestou no visual. Colorida, a novela ofereceu lindas sequências nos Lençóis Maranhenses. A direção de Fabricio Mamberti (núcleo de Denise Saraceni) acertou no ritmo e na estetização do drama (um chamado do texto). Assim, a passagem em câmera lenta e sob poeira psicodélica escapou por um triz do gosto duvidoso: estava em sintonia com a história. Os figurinos (Gogoá Sampayo), cenografia (May Martins) e caracterização foram pontos altos do capítulo em que todos esses elementos colaboraram para o resultado final.

DESFILE DE TALENTOS

Guizé, o policial atormentado de "Sessão de terapia", foi um dos destaques dessa estreia com o seu João Gibão (na primeira versão, Juca de Oliveira), personagem que tem as asas regularmente aparadas pela mãe (Renata Sorrah, em rápidas, mas, como era de se esperar, promissoras aparições). Fernanda Montenegro brilhou como a dona Candinha que Linhares inventou especialmente para ela. Da mesma maneira,

estiveram afiados Vera Holtz (Dona Redonda), José Mayer (Zico Rosado), Lília Cabral (Vitória Vilar), Gabriel Braga Nunes (Aristóbulo), Débora Bloch (Risoleta), Tarcísio Meira (Tibério Vilar), Ana Beatriz Nogueira (Aparadeira), Marcos Palmeira (Cazuza) e Matheus Nachtergaele (Seu Encolheu). Chandelly Braz, novata que chamou atenção em "Cheias de charme", repetiu a dose aqui. Ela fez bonito e surpreendeu como a Marcina, moça que incendeia as próprias roupas de acordo com a temperatura das emoções. A ótima Leandra Leal faria bem em bairar o tom de sua Zélia, mas é uma simples questão de ajuste, o que não será difícil para a atriz. Já seu par, Fernando Belo, o prefeito, merecia um personagem menor. Num primeiro capítulo, inviolavelmente dedicado às apresentações, o destile de talentos é rápido, mas deixou ótima impressão.

Voltando à feliz sincronia entre "Saramandaia" e o calor das ruas, vale observar que, por causa dos acontecimentos políticos atuais, a metaforização fica mais liberada. Com a vida explicando a arte, a trama ganha o direito de se tornar intrincada — coisa que a TV aberta, para as massas, às vezes evita. A realidade se encarrega de explicar o que, na tela, é figura de linguagem. Aproveitar a maré de sorte agora é a (boa) tarefa para Linhares. ■

O Globo, 26/6/2013

Figura 8. O Globo, 26/6/2013.

O neologismo criado por Patrícia Kogut utiliza o sufixo *-és* para designar a linguagem empregada na novela Saramandaia. Para indicar “linguagem característica de”, tal sufixo costuma apresentar valor pejorativo, como em *economês*, *juridiquês*, *pedagogês* e *linguistiquês*. O sufixo *-és* é proveniente do Latim *-ense*, que, no Português, resultou em *-ense* ou *-és* para indicar origem, naturalidade (catarinense, fluminense, dinamarquês, francês etc.). Tais nomes são chamados, tradicionalmente, de gentílicos ou pátrios.

O emprego com valor depreciativo denuncia um caráter manipulatório, uma demonstração de poder, em linguagens de cunho socioprofissional, os chamados jargões, quando utilizados mais para mistificar do que para informar.

Já em *saramandês*, o valor não é pejorativo, mas sim apologético. A autora ressalta as virtudes da linguagem empregada sem apelos a forçados sotaques nordestinos. Convém recordar que Dias Gomes, autor da 1ª versão do texto, mantido em boa parte no *remake*, sempre procurou inovar linguisticamente, o que também se comprova em outra obra sua: *O bem-amado*.

(c)

A maior dificuldade de instaurar uma verdadeira política nas democracias contemporâneas é abrir as estruturas do agir político, romper a barreira de um aparelho que passou a representar apenas os próprios interesses, segundo uma lógica própria, afastado portanto das demandas dos seus representados (é o processo que Marcos Nobre define como “peemedebização”). (Francisco Bosco, O Globo, 3/7/2013).

O sufixo *-ção* forma, basicamente, substantivo derivado de verbo(realizar – realização; negar – negação). Na criação de neologismos, tal sufixo é, conforme já nos mostraram Basílio e Sandmann, o mais produtivo de todos. Há riqueza de exemplos em áreas diversas como economia, política e cultura: betenização, urverização, mexicanização, venezuelização, afoxização, sinfonização etc.

Observe-se que *peemedebização* não vem diretamente de PMDB, mas sim do hipotético verbo *peemedebizar*, o que ocorreu com os demais substantivos deverbais em *-ção*. Com base nos estudos de Aronoff, Basílio (p.55) nos apresentou, no clássico *Teoria Lexical*:

“Uma RFP (Regra de Formação de Palavras) sufixal é descrita basicamente a partir do esquema abreviado abaixo:

$$[X]A \Rightarrow [[X]A Y]B$$

Assim, os substantivos em análise não vieram de outros substantivos, mas sim de verbos: PMDB – peemedebizar – peemedebização.

e) RJ TV, 6/7/2013

“As senhoras que participam da FLIP já inventaram um nome para elas: FLIPETES.”

Constata-se, mais uma vez, a riqueza da neologia intertextual a partir da utilização do sufixo *-ete* adjungido a radicais ou a substantivos. A partir de *chacrete*, criado para designar as dançarinhas do programa do Chacrinha, criaram-se muitos termos com significativa extensão de sentido, ora com valor positivo, ora com valor pejorativo: no 1º caso, encontra-se *flipete*; no 2º, *periquete*. Cabe destacar que o sufixo designa, inicialmente, “pessoa que está ligada a uma atividade ou a uma celebridade e dela torna-se fã”. Vem-se observando boa produtividade – com pouca descrição nas obras da nossa área - desse sufixo, como se vê em *neymaretes* e *flipetes*.

f) Aldir Blanc, O Globo, 7/7/13

Se eu tivesse que usar meu velho pincel para escrever um cartaz, tascaria: VÃO SE FIFAR! Por que essa entidade apodrecida acha que pode proibir nomes de nossos estádios (arena era partido pró-ditadura)? Vetar Mané Garrincha? Não permitir bumbos e tamborins e ainda aracalhar nosso hino, que o povo continua cantando? Vão se fifar!

O neologismo de Aldir Blanc parte da sigla FIFA (Fédération Internationale de Football Association) para criar o verbo *FIFAR*, que tem forte carga agressiva no protesto formulado pelo autor. Havia, então, uma grande decepção dos amantes do futebol com as normas e proibições estabelecidas pela “Veneranda Senhora”, assim chamada por seus críticos. Aldir expressa, com sua construção neológica, toda a revolta dos brasileiros: vale por um verdadeiro desabafo. Cabe observar que a desinência de infinitivo assume, no caso, valor sufixal. A expressão com o neologismo é grafada, inicialmente, em caixa alta para dar-lhe ênfase. No final do texto, é retomada em minúsculas para estabelecer a coesão e encerrar, ironicamente, o protesto de forma intertextual, remetendo termo do baixo calão.

Releitura dos processos de formação de palavras com base na produtividade lexical

Derivação parassintética

O Globo, 31/5/2013



O emprego de *apacado*, derivado de PAC, comprova a alta produtividade linguística dos processos de formação de palavras. É uma construção que destoa dos tradicionais casos de derivação parassintética apresentados por nossas gramáticas: enriquecer, anoitecer etc. Em tais exemplos, encontramos verbos criados com adjunção simultânea de prefixo e sufixo a um nome adjetivo ou substantivo, o que não ocorre com o neologismo em análise. A base é uma sigla para Programa de Aceleração do Crescimento, projeto do Governo Federal. Ao analisar *desalmado* como exemplo de derivação parassintética, Margarida Basílio afirma que a derivação parassintética “é um processo complexo de formação, não só morfologicamente, mas também semanticamente, já que acopla a função semântica do prefixo com a função sintática e /ou semântica do sufixo.” (p.45). Entendemos que *apacado* também ilustra muito bem o parassintetismo.

Outros processos

a) Conversão



A substantivação encontrada em “Um quê de orla...” não constitui exemplo de neologia formal ou vocabular, mas sim de neologia semântica com base no estudo de Guilbert. Ele apresenta de três formas:

- a 1^a diz respeito ao emprego de figuras como metáfora, sinédoque etc.;
- a 2^a situa-se no campo morfológico, afeta a categoria gramatical do lexema e é chamada, às vezes, de neologia por conversão. Convém destacar que o caráter semântico continua presente na modificação categorial;
- a 3^a é classificada como sociológica. Ocorre, por exemplo, com a passagem de termos técnicos para o vocabulário geral usual.

Chama atenção o fato de a palavra ter sido utilizada em uma manchete jornalística, o que é bastante raro com essa palavra acentuada e posta em destaque na linguagem midiática. Na notícia em análise, destaca-se seu emprego para realçar possíveis contrastes entre áreas da cidade do Rio de Janeiro: a orla e o bairro de Madureira.

b) Abreviação

“Então chama a Neosa”

O emprego de formas abreviadas passou a ter destaque a partir da necessidade de se comunicar mais rapidamente. Tal processo costuma ser visto como “sinal dos tempos em que vivemos”. Entende-se que também vale, nesses casos, a chamada lei do menor esforço. Assim, surgiram cine, foto, moto e pólio, entre outros exemplos. Encontramos o termo *neosa* em duas situações: um anúncio publicitário e uma fala cotidiana. A esse emprego da parte pelo todo da palavra Monteiro chama braquissemia.

Novos processos

a) Veja Rio, 7/7/13

PETRÓPOLIS EVENTOS
BAUERNFEST
PERFORMANCE DAS BISBILHOTECÁRIAS

Esse processo é também chamado de cruzamento vocabular, palavra *portmanteau*, contaminação ou amágama. Bechara o denomina Combinação e o define como “um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram na formação”. (p.372).

Correia e Lemos afirmam que as Amálgamas (também conhecidas como mot-valises ou blends) “são unidades lexicais constituídas como partes de outras palavras que se juntam, formando uma palavra gráfica(p.44). Em Portugal, tal processo pode ser chamado, ainda, de palavra-mala, como o faz Figueiredo em “O ficcionário”(ficção + dicionário) ao analisar construções neológicas em *O último vôo do Flamingo*, de Mia Couto.

Em *bisbilhotecárias*, ocorre a combinação de “bisbilhotar” com “bibliotecárias” para destacar a performance – de averiguação - das funcionárias da biblioteca em evento realizado na região serrana do Rio de Janeiro.

Releitura dos processos de formação de palavras com base na produtividade lexical

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. (org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade*. São Paulo: Global, 1981.
- BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1980.
- CARVALHO, N. “Neologismos, informação, criatividade”. In: AZEREDO, J. C. (org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CORREIA, M.; LEMOS, L. S. P. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GONÇALVES, C. A. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. In: ABREU, M. T. T.; BERNARDO, S. P. (eds.). *Matraga 30*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- FIGUEIREDO, O. M. O ficionário de O último Voo do Flamingo, de Mia Couto. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, Porto, n. 19, serie II, p.521-538, 2002.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- HENRIQUES, C. C. *Morfologia*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.
- LAROCA. M. N. de C. *Manual de morfologia portuguesa*. São Paulo: Pontes, 1994.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: Editora da UFC, 1987.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.
- VALENTE, A. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

REREADING OF THE WORD FORMATION PROCESSES BASED ON LEXICAL PRODUCTIVITY

Abstract: This paper is a re-reading of the processes of word formation, in reference to the use of neologisms, with the objective of emphasizing the linguistic dynamics and of contributing to the renewal of the Portuguese language lessons. The theoretical foundation is supported by important traditional grammar books, by major works in Lexicology and by papers devoted exclusively to Morphology. The corpus is constituted by neologisms found in journalistic texts.

Keywords: Morphology; Derivation; Compound; Word Formation.